

Em virtude das cheias

Construção de pequenos Libombos sofrerá atraso de seis meses

• Prejuízos na barragem cobertos por resseguro internacional

As cheias excepcionais ocorridas no Rio Umbelúzi, consideradas as maiores dos últimos 30 anos, ocasionaram graves danos na Barragem dos Pequenos Libombos, em construção a cerca de 35 quilómetros da Cidade de Maputo. Em virtude dos estragos verificados, a edificação deste aproveitamento hidráulico vai sofrer um atraso de mais de seis meses em relação ao prazo inicialmente fixado, segundo revelou à Informação o Eng.º Maciel de Freitas, director da Unidade de Direcção de Recursos Hidráulicos. A empresa seguradora nacional EMOSE já desencadeou diligências junto de resseguradoras internacionais, com vista ao pagamento do seguro pelos prejuízos provocados por esta calamidade.

A Barragem dos Pequenos Libombos, cujo primeiro ano de construção se iniciara em Fevereiro de 1983,



Em consequência dos danos provocados pelas cheias, a construção da Barragem dos Pequenos Libombos vai sofrer um atraso de seis meses — disse o eng.º Maciel de Freitas à Informação

encontrava-se em adiantada fase de obras e a sua execução tinha sido projectada para 42 meses.

Considerado empreendimento estratégico de fins múltiplos, orçado em cerca de 4 500 milhões de contos, a preços de 1982, a Barragem dos Pequenos Libombos, em construção sobre o ponto de confluência do Rio Umbelúzi com o seu afluente Calichane, destina-se essencialmente a permitir a regularização do caudal daquele rio, o armazenamento de água mesmo nos períodos de seca, para o abastecimento à capital do País e a irrigação de 16 mil hectares de culturas, ao longo da sua bacia hidrográfica.

PREJUÍZOS REGISTRADOS

No momento em que as cheias ocorreram já haviam sido concluídos numerosos trabalhos, entre os quais a ensecadeira, aterros nas duas margens, o descarregador de cheias e outros.

— A ensecadeira estava dimensionada para uma cheia máxima provável cinquentenária e toda a barragem estava projectada para suportar cheias até à quota de 23,5. Mas esta cheia atingiu a quota de 27,44, quer dizer que a água esteve quatro metros acima da ensecadeira. Isto significa qualquer coisa como um prédio de quatro a cinco andares — explicou o eng.º Maciel de Freitas.

Logo que se constatou que a água estava a subir vertiginosamente no local das obras várias medidas foram tomadas. Neste sentido, foi aberto um canal para encher a zona do descarregador de cheias, com vista a tentar provocar o mínimo de danos. Foi também removida grande parte do equipamento, tendo sido afectado apenas cerca de 10 por cento de toda a maquinaria.

— Foi uma cheia excepcional que excedeu todas as previsões, com uma precipitação extremamente elevada que em alguns pontos a jusante do rio atingiu os 300 milímetros. Na zona de obras a água registava subidas horárias de dois metros — disse aquela fonte, adiantando que o local das obras ficou isolado, situação que ainda hoje se mantém.

De acordo com o eng.º Maciel de Freitas a obra sofreu bastante. A ensecadeira, com quatro metros de água acima foi destruída em 40 por cento. O descarregador de cheias foi completamente submerso e está coberto de lodo. Os trabalhos à margem direita foram totalmente destruídos e os da margem esquerda sofreram sérios danos.